

Carlos Lúcio Gontijo

O MENINO

DOS OLHOS MADUROS





O amor ao pr ximo o fio condutor de nossa conex o com o cosmos. Nossa ruptura com o outro leva-nos aus ncia de la os de ternura e de cordialidade, perfazendo o drama de nossa impot ncia diante dos problemas sociais que tanto carecem de investimentos financeiros quanto (e muito mais) de solidariedade e elimina o da indiferen a com que visualizamos o sofrimento de nossos irm os exclu dos, que no fundo nos revelam a nossa pr pria face, pois que, segundo o Evangelho, todo ser humano morada viva de Deus. Ou seja, como filhos de Deus, estamos em todos; ao mesmo tempo, que todos est o em n s.

O MENINO DOS OLHOS MADUROS a express o do tirocnio de Carlos Licio Gontijo em rela o ao sentimento de que o mundo foi confiado por Deus nossa capacidade de

Carlos Lúcio Gontijo

O MENINO

DOS OLHOS MADUROS

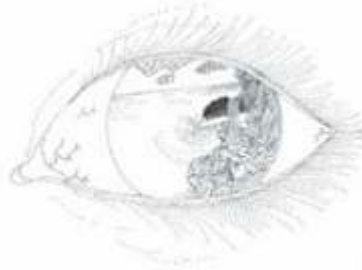


Ilustração
Renato Iglesias

Revisão:

Berenicy Raelmy Silva

Composição:

Conceição Nina de Oliveira

Capa e Ilustração:

Renato Iglesias

Programação Gráfica:

Nivaldo Marques Martins



Carlos Lúcio Gontijo
O menino dos olhos maduros
novela e poesia – 1ª ed.
Belo Horizonte, 2.002
80 páginas, il.

Copyright © by CLG, 2002

Av. João Augusto da Fonseca e Silva, 1.107 – 402

Contagem – MG – CEP 32.341-100

Tel.: (31) 3351- 6924

Quando o preconceito social não atua como elemento inibidor, os portadores de anomalias mentais, físicas e visuais se sobrepõem às suas limitações pelo esforço persistente do ser humano sedento de vida, trabalho e lazer.

PREFÁCIO

(Poesia e nitroglicerina)

Dois terços dos seis bilhões de habitantes do mundo ignoram Jesus Cristo. E justamente Ele quem levou à humanidade um conjunto de ensinamentos indispensáveis ao nosso dia-a-dia: “Amai-vos uns aos outros”. O amor ao próximo, a dedicação, o doar-se de corpo inteiro, deveriam ser o norte, o guia-mor de todos nós. Cristãos e não-cristãos. Homens tementes a Deus, como o lavrador Pedro, ou simplesmente homens que amam seu semelhante à sua maneira. Uma vez que o próprio poeta, jornalista e escritor Carlos Lúcio Gontijo reconhece ser “o trabalho a nossa oração”, a mais conseqüente. Ou homens que, mesmo sem se ligarem a esta ou àquela religião, têm condutas ética e moral ilibadas e estão profundamente inseridos no contexto das lutas sociais e políticas dos povos.

A Igreja, principalmente a Igreja nascida do Concílio Vaticano II, a Igreja do Papa camponês João XXIII, a Igreja do Cardeal Wojtila, ou seja, a Igreja do Papa João Paulo II, o “João de Deus”, e os modernos meios de comunicação, incluindo-se neles a internet, têm realmente uma grande responsabilidade em levar aos corações mensagens positivas. Principalmente neste mundo onde a violência, a corrupção, o desrespeito aos direitos humanos, a discriminação social e racial parecem tornar o ser humano insensível. Insensível aos problemas do País, como a falta de moradia, o desemprego, a fome, o analfabetismo. Insensível à dor daqueles que padecem nos hospitais, amontoam-se em sórdidos guetos modernos nos grandes centros urbanos ou padecem diariamente no árduo trato de terras que, sabem, nem de longe lhes pertencem.

Neste pedaço de mundo onde a liberdade nem sempre é

uma “calça velha, azul e desbotada” dos filhos de Woodstock ou dos “Rock in Rio”, “aquele que enxerga se desencanta”. Por vezes quer refugiar-se, trancar-se num casulo, como o personagem de Anton Tchecov. Ou deixar-se iludir entregando-se de corpo e alma às seitas ditas modernas. Tornando-se presa fácil dos livros de auto-ajuda, ou entregando-se à morte lenta pelas drogas.

Oscar Wilde, certa vez, para não fugir à sua sina de frasista de primeira, saiu-se com um pensamento nem sempre bem interpretado: “Feliz daquele que vive sem preocupação; não presta atenção aos salpicos da chuva nem à queda estrondosa das árvores na mata”.

Nem sempre quem vive sem preocupação vive feliz. Há que se preocupar com as injustiças. Preocupar-se em ter uma vida participativa, ajudando a aliviar a dor do próximo, como Lucas, este sim, um anjo cego que desceu naquele venturoso lar de Pedro, Maria e Solanda em Monte Feliz.

Em “O Menino dos Olhos Maduros”, Carlos Lúcio Gontijo supera-se a si mesmo, nos dando uma estória que, toda ela, é pura poesia de um lado, e nitroglicerina de outro. Poesia nos olhos puros, porém despedidos de vida de Lucas, ávido por inserir-se no contexto da luta social contra as injustiças, ainda que ela se mostre de maneira bastante embrionária: o seu desejo de aprender com Rosa Raizeira todo o princípio ativo das plantas, das raízes, para combater a especulação das multinacionais dos remédios, simbolizados na história pelo prosaico farmacêutico Fortunato.

É verdadeiro “Coquetel Molotov”, é nitroglicerina pura, ao subliminarmente nos induzir a condenar a discriminação em todas as suas odiosas formas. Quer racial, quer social. E a nos despertar o desejo de contribuir para um mundo mais feliz e menos injusto.

José Carlos Alexandre.

*Jornalista, editor de Internacional do
“Diário da Tarde”.*

DEDICATÓRIA

Dedico este livro aos que sabem ver, aos que revelam na química licorosa do coração o negativo da paisagem fotografada pelo sentimento e não apenas pelos olhos.

INTRODUÇÃO

VISÃO DIGITAL

*Pior é a cegueira da visão
Do que ter os olhos cegos
Mais enxerga o enjanelado coração
Menos vê o preconceituoso ego
É apenas pano de fundo a paisagem
Sempre é necessário o tato do amor
Ver facilita pegar a fruta-imagem
Mas não dá passagem à descoberta do sabor*

Carlos Lúcio Gontijo



SUMÁRIO

CAPÍTULO I-13

Ilusão Sublime

CAPÍTULO II-19

Olhos-poros

CAPÍTULO III-27

São Tomé dos Cegos

CAPÍTULO IV-35

“24 Horas”

CAPÍTULO V-42

Flocos de Algodão

CAPÍTULO VI-53

Ceia de Amor

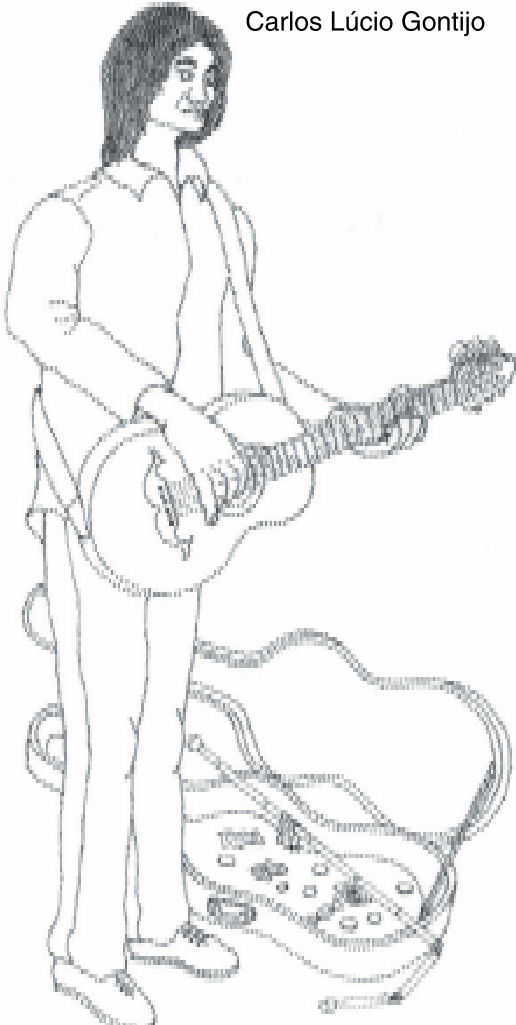
CAPÍTULO I

Quem tem a melhor visão nem sempre é aquele que vê com nitidez a paisagem mais distante. Muitas vezes quem mais enxerga é aquele que, apesar de cego, sente a imagem e a guarda dentro de si como se o seu coração fosse um mirante, ciente de que, sem as sombras do preconceito ou a autolamentação, os sem-braços abraçam, ouvem os surdos, caminham os sem-pernas e os sem-olhos são capazes de ver...

ILUSÃO SUBLIME

*A visão cria miragens
Quem não vê fertiliza imagens
Enquanto a luz da alma o cego canta
Aquele que enxerga se desencanta
E espanta a ilusão sublime da paisagem*

Carlos Lúcio Gontijo



Em Monte Feliz, o tempo corria lento, todo vento virava brisa, ao circundar e contornar morros e montanhas. Ali, as pessoas eram simples, o povoado pequeno, mas grande na convivência e amizade. Viviam da lavoura e da pecuária. E assim, em um contato constante, natureza e homens se entrelaçavam: as pessoas faziam parte do meio ambiente, como árvores andantes, elas se confundiam com a fauna e a flora.

Foi num lugar assim que nasceu Lucas, filho de Pedro e Maria, que viviam em uma casa modesta erigida no sopé de uma serra, diante de um vale sempre pintado de verde e colorido de flores. Não tinham riqueza material, não padeciam das ânsias e cobranças do consumismo, que leva os que moram nas grandes cidades a comprar o de que não precisam com o dinheiro de que não dispõem. Ou seja, tudo o que Pedro e Maria sonhavam era poder suprir suas necessidades. A felicidade deles não se prendia ao ter em excesso, mas em ter o suficiente.

Lucas veio como um filho temporão para juntar-se a Solanda, sua irmã, já com 11 anos. Dessa maneira não foi à toa que o menino foi cercado de carinho e todo o zelo. Lucas era um menino sadio, de pouco choro. E

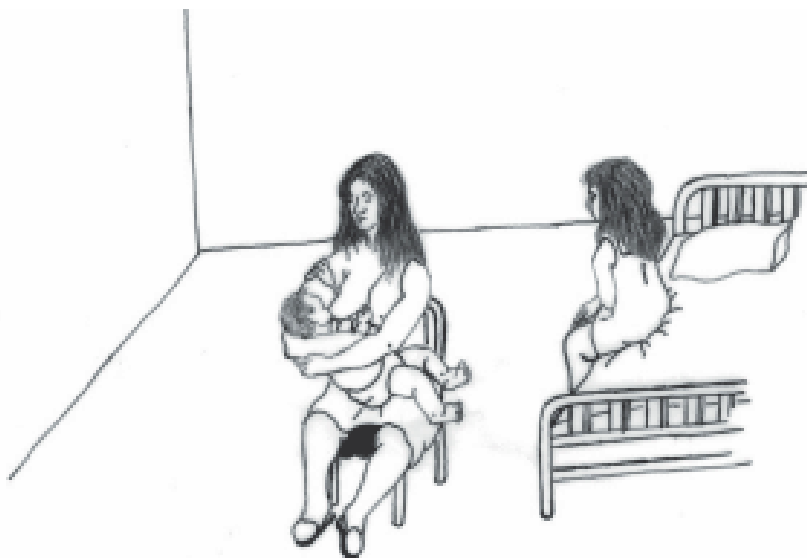
talvez por isso a família só se deu pelo fato de ele não enxergar quando já tinha seis meses de vida. Mas pudera: Lucas, logo de início, contou com a magia e o condão do sopro de Deus. O menino tinha todos os seus demais sentidos aguçados. Isto é, ele escutava, cheirava, degustava e tateava mais e melhor do que aqueles que possuíam o dom da perfeita visão.

Ao descobrir que o filho era cego de nascença Maria não conteve o pranto. Porém, o marido, lavrador de mãos calejadas, temente a Deus não por temor, mas por compreensão e fé, cuidou de encontrar palavras que consolassem tanto a esposa quanto a filha.

— Maria, Solanda. Não vamos brigar com Deus.

— Não posso entender, Pedro. Isso é um castigo que não merecíamos.

— Que é isso mulher. Deus não está aí para casti-



gar ninguém. O destino nós fazemos com o suor de nosso próprio rosto. O trabalho é a nossa oração.

— O que vamos fazer, pai? — interveio a filha.

— Primeiro, devemos cuidar de conviver com a situação naturalmente. Não podemos cometer o erro de fazer de nosso filho um pobre coitado. Não devemos iniciar, dentro de nosso lar, o preconceito que ele encontrará lá fora.

— Você tem razão, Pedro. Contudo, assim proceder será muito difícil. Agir nesse sentido, sem atropelos não será fácil.

— Bobagem, Maria. Lucas já tem o nosso afeto de filho e irmão. Além do mais, nós, que vivemos tão próximos da natureza, sabemos muito bem que às vezes temos que podar árvores e trepadeiras para que elas se fortaleçam...

— Estou entendendo. Lucas será nosso elo mais forte, nosso crescimento...

— Mas pai, por que meu irmãozinho nasceu cego? Por que ele não enxerga?

Fez-se silêncio. Pedro levantou-se, deu meia-volta na pequena sala, encaminhou-se até a janela do barracão meia-água e olhou fixamente a paisagem, enquanto mulher e filha o acompanhavam com o olhar. De repente, ele volta, segura a mão da filha e diz:

— Solanda querida. Seu irmãozinho Lucas nasceu com os olhos maduros. E tudo que está maduro, no ponto de ser colhido, Deus colhe.

— Ah, é como você e a mamãe.

— Como assim, filha?

— Vê mãe, vocês não colhem as frutas e os cereais?

— É isso mesmo, filha — Comemorou Pedro, acrescentando:

— Pois é, já que você entendeu, vamos parar de chorar e cuidar de nossa arvorezinha, pois o Lucas precisa de nosso zelo para que ele mesmo descubra e aprimore seus dons diante da poda, que é sempre involuntária tanto nos homens quanto nas plantas. Todavia, em ambos os casos, tudo viça e revigora, transformando-se em lição e aprendizado.

E assim, o que poderia ser uma tragédia terminou como semente de fortalecimento da união familiar. Solanda, que adorava fazer as vezes de pajem enquanto a mãe cuidava dos afazeres domésticos ou labutava no pilão de socar arroz, chamava o irmão, carinhosamente, de “Olhos Maduros”. E assim “Olhos Maduros”, mais que apelido, passou a ser o nome de Lucas.

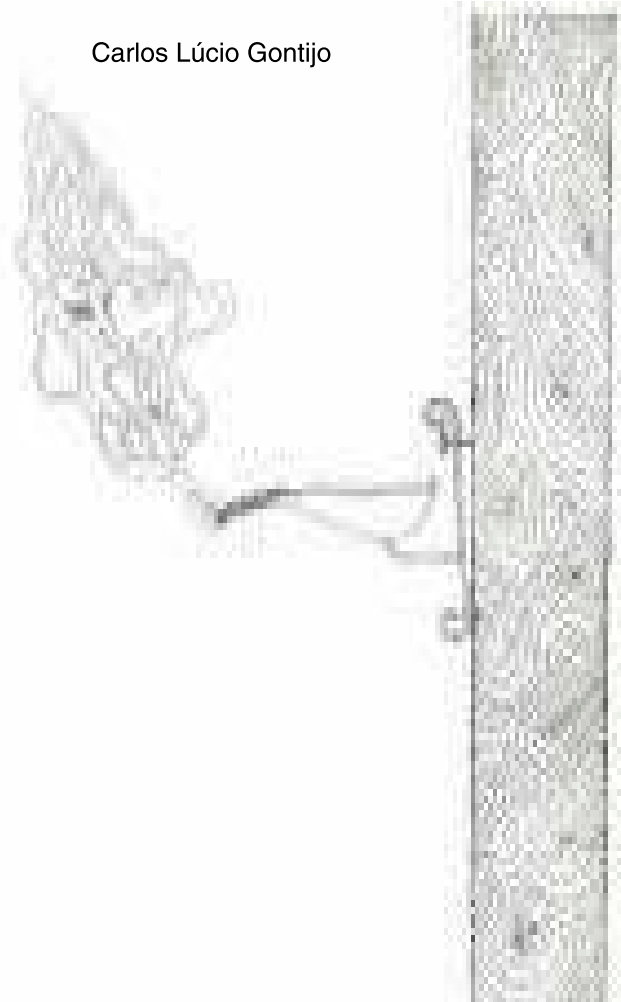
CAPÍTULO II

As pessoas não devem fazer das dificuldades uma impossibilidade. Não existe apenas uma maneira de seguirmos em frente, pois cada um de nós encontra, cedo ou tarde, o tempo apropriado do passo e o jeito característico de caminhar, ainda que sigamos a mesma trilha.

OLHOS-POROS

*Dos cegos os poros são os olhos
Que num tatear profundo
Colhem tudo aos molhos
Como se o mundo fosse canteiro
E entregue ao candeeiro do toque
Entregasse-lhes o seu fruto mais verdadeiro.*

Carlos Lúcio Gontijo



Pedro, Maria e Solanda trataram desde cedo de não exceder em cuidados com “Olhos Maduros”, pois tinham certeza de que se assim agissem estariam contribuindo para aumentar-lhe o problema da falta de visão.

— Pedro, de agora em diante, temos que nos educar...

— Como assim, Maria?

— Não podemos ficar mudando as coisas de lugar dentro de casa, pois nosso filho, desde o engatinhar, deve ser treinado a ser independente dentro de casa. Ele precisa ter certeza de onde as coisas estão.

— Você tem razão. Qualquer mudança para ele seria um transtorno.

— Pode deixar, mamãe, que eu vou ajudar a manter as coisas no lugar.

Participou Solanda, que com o nascimento do irmão havia experimentado uma grande dose de amadurecimento e responsabilidade, mesmo sendo ainda uma menina.

Assim e daquela maneira tão bem procederam que, aos cinco anos, “Olhos Maduros” caminhava pela casa desembaraçadamente. Sabia onde estavam os pratos, as facas, os garfos. Bebia água, trocava de roupa e ia

ao banheiro sem precisar de qualquer ajuda. Logicamente, sempre tinha alguém o observando, pois ele ainda era muito pequeno. Entretanto, se ele caía ninguém ia em seu socorro, dando-lhe a oportunidade de levantar-se por si mesmo. Pedro não se cansava de repetir.

— Deixem! Ele tem o seu jeito de caminhar...

E assim todos aprenderam a intervir só no último caso.

Não demorou muito e “Olhos Maduros” já estava a acompanhar o pai até as plantações. E o menino, se não tinha o dom da visão, possuía todos os demais sentidos bem aguçados. Pedro, freqüentemente, perdia horas a fio explicando e respondendo às perguntas do filho.



— Pai, que árvore é essa?

Isso após ter arrancado um cavaco do tronco da planta ou uma folha, e muito ter cheirado.

— Essa árvore é um ipê-amarelo.

— E essa?

— Essa é um eucalipto.

— E essa folhinha aqui?

— É de alecrim do campo...

E assim se passavam os dias. Não tardou muito e “Olhos Maduros” já conhecia tudo quanto era planta, árvore e flor. Era um grande guardador de sons, cheiros e sabor. Impressionado com os instintos sensoriais do filho, Pedro já andava pensando em como aproveitar tamanha inteligência e vivacidade.

— Maria, o que vamos fazer por nosso filho?

— Como assim, Pedro?

— Ah, você não vê que ele já domina tudo por aqui?

— Tô vendo. Mas não se amofine não, pois em breve a Zefa Antônia, minha irmã, se aposenta como professora na capital e diz que vem de morada para o nosso povoado. Já disse que vai cuidar de ensinar o nosso filho a escrever.

— Mas como, Maria?

— Sei lá, Pedro. Ela me disse que está fazendo um curso para isso.

— Tomara que esteja mesmo, pois esse será o maior presente que ela, como madrinha, poderá dar ao nosso filho.

Era noite e pegaram no sono tranqüilamente. Naquela casa ninguém perdia a hora, porque um garotinho de apenas seis anos era o que mais escutava o galo, o despertar da natureza e a chegada dos primeiros raios de luz...

— Pai, mãe, Solanda. Vamos acordar, gente!

E assim, Pedro acordava para o batente na lavoura; Maria, para os afazeres domésticos; e Solanda para ir às aulas na escola de Monte Feliz. O certo é que “Olhos Maduros” era o primeiro a ficar pronto, já estacado no

portão que separava a casa do pasto.

— Vamos lá, filho. Hoje você vai aprender a tirar o leite.

— Você vai ver só, pai, eu vou aprender esse negócio rapidinho. As vacas são mansinhas e eu conheço todas pelo cheiro. Sei o nome de todas elas.

— Você é mesmo danado. Onde já se viu cada vaca ter o seu cheiro específico.

— Ah, pai. É igual gente. Todos têm um cheiro. Cada pele tem o seu odor. Os suores são diferentes.

— Tá bem, “Olhos Maduros”, não vou discutir com você essas coisas. Mas vamos ver na prática!

“Olhos Maduros” não teve dificuldade alguma. Só de ter acompanhado o pai já sabia muito bem onde estava a corda de pear a vaca, a banqueta, o balde... Aprendeu rapidamente a tirar o leite, aproveitando-se da extrema habilidade de suas mãos. As duas últimas vacas foram ordenhadas por ele.

— Vamos, filho. Agora, está por sua conta!

— Pode deixar. Estão faltando apenas a Mimosa e a Malhada.

— Como você sabe?

— Não são doze vacas, pai?

— Sim. Isso mesmo. Mas como você



sabe que estão faltando exatamente essas duas?

— Ah, pai, não seja tolo. Eu sei o nome de todas elas e não ouvi o senhor chamando por elas.

Pedro ficou impressionado com o carinho de seu filho com o gado e assistiu surpreso ao respeito que os animais tinham para com ele, numa clara interação e demonstração de entendimento. Terminada a tarefa, Pedro tomou a frente e saiu carregando o latão de leite, enquanto “Olhos Maduros” o seguia de perto. De repente, “Olhos Maduros” grita:

— Pai, cuidado. Veja a cobra!

Nem bem Pedro deu um passo para trás e a serpente passou...

— Filho, como você percebeu?

— O cheiro, pai, o som...

— Mas como, filho?

— Sei lá, pai. O senhor não disse sempre que eu encontraria o meu jeito de caminhar, que cada um tem a sua capacidade de aprender? Pois é, pai, eu tenho o meu jeito de olhar e, de certa forma, do meu jeito, eu vejo.

— Disso agora eu tenho certeza, “Olhos Maduros”. Assim como o polvo tem oito tentáculos, a centopéia dezenas de pernas, você desenvolveu olhos por todo o corpo. É como se cada poro fosse um olho.

— E não é só isso, pai. Desenvolvi-me mentalmente mais rápido, graças à sabedoria de todos vocês, que não me impuseram limites, deixando-me a incumbência de descobri-los...

— É isso mesmo, filho. Solanda, agora uma mulher feita, com 22 anos, diz que lhe ensinou a matemática que aprendeu na escola e que você sabe muito mais do

que ela.

— Que nada, pai. A necessidade faz o sapo pular. Eu aprendo por necessidade. A combinação, a soma de conhecimento com extrema observação é a maneira pela qual eu posso compensar a falta de visão.

— É isso filho. Você não enxerga, mas vê. Apesar de ter só 11 anos, você já é bastante maduro. É um homem.

— Por falar nisso, pai, deixa eu ir tomar umas aulas com a Rosa Raizeira. Ela sabe tudo sobre o poder medicinal das plantas e eu tenho facilidade de conhecer todas as plantas e raízes pelo cheiro. Acho que posso aprender e ajudar muita gente.

— Vou falar com sua mãe. Acho uma boa idéia, pois a sua tia Zefa Antônia só virá o ano que vem de mudança para Monte Feliz.

— E o que tem isso?

— Esqueceu-se, filho, de que ela é quem vai lhe ensinar a escrever?

— Ah, é mesmo!

E como qualquer menino de 11 anos, “Olhos Maduros” saiu correndo pela trilha...

Pedro resmungou consigo mesmo: até parece que esse moleque enxerga!

CAPÍTULO III

Bela do lado de fora, mais exuberante é a Natureza do lado de dentro, pois perpetua entre nós a presença de Deus e o milagre do poder de cura, através das enzimas terapêuticas extraídas das plantas e árvores, cobrando-nos apenas o enjanelamento do espírito, o sentimento de visão descortinada e a mente receptiva à percepção da cascata celestial de luzes...

SÃO TOMÉ DOS CEGOS

*Quando hibernam as luzes dos olhos
Das cruces Deus costuma nos livrar
Põe em nossas mãos a claridade
E a realidade descobrimos no apalpar
É um mundo bem diferente
Onde gente são-tomé que descrê
Não pede pra tocar, mas pra ver*

Carlos Lúcio Gontijo



Ao chegar em casa, “Olhos Maduros” foi logo gritando:

— Mamãe, mamãe. Cadê você?

— Estou aqui descascando batatas.

— Mãe, vou aprender os segredos das ervas e raízes com a dona Rosa.

— Como assim?

Nisso, Pedro já adentrava à casa.

— É isso mesmo, Maria. Nosso filho vai usar seus dons para ajudar o próximo.

— Mas quem vai ajudar você a tirar o leite?

— Não se preocupe não, mãe, eu levanto cedo, tiro o leite e parto rumo à casa de dona Rosa Raizeira.

— Mas não se afobe não “Olhos Maduros”, primeiro deixa seu pai conversar com a Rosa-lembrou Maria.

Não tardou muito e lá estava “Olhos Maduros” tomando suas aulas com a velha senhora, às vezes chamada de raizeira e outras vezes de macumbeira pelo Fortunato, dono da única farmácia do povoado e que via nos chás receitados por Rosa um forte concorrente. Logo no primeiro dia, Rosa admirou-se.

— Mas menino, como você conhece alecrim, fun-

cho, erva-doce, casca de ipê roxo, flor de sabugueiro, coroa-de-cristo...

— Ah, dona Rosa, toda planta que vejo, ou melhor, da qual eu sinto o cheiro pelos caminhos de nossa rocinha, eu arranco uma folha, uma casca, um galhinho, levo até o meu pai. Então, ele me diz o nome e eu não me esqueço jamais.

— Meu filho, se assim é, você vai virar um mestre em pouco tempo. Aprender não lhe será difícil, mas não se esqueça nunca de que o poder de cura das plantas tem seus limites. Aja sempre como um verdadeiro psicólogo, pergunte os sintomas, se inteire do dia-a-dia do doente. Não deixe escapar nada. Use seus dons sensoriais ao máximo, pois se você é capaz de discernir e distinguir plantas, certamente os olhos também não lhe farão falta para descortinar no palco dos sintomas o mal de que padece o ser humano.

— Já estou preparado para o meu trabalho junto às pessoas. Se Deus levou os meus olhos porque estavam maduros, saiba que eu me amadureci interiormente também.

— Não precisa falar isso não, aluno querido. Você é um menino-homem. Vamos à forma de fazer os chás, e tome cuidado para não se queimar durante a fermentação.

— Pode deixar dona Rosa, minhas mãos são os meus olhos. Não as deixarei queimar.

Antes de começar a pôr a mão na massa, ou seja, nas ervas e raízes, “Olhos Maduros” teve toda uma aula de localização do espaço. A mestre raizeira o pegou pela mão e foi andando com ele pelos cantos do barracão onde preparava suas unções fitoterápicas, pois sabia

que o primeiro passo seria dar a “Olhos Maduros” independência e confiança. Em outras palavras, era necessário que ele tivesse intimidade e conhecimento do espaço.

Saí eufórico da primeira aula. Quando o pai chegou para buscá-lo foi aquele deslanchar de novidades. Rosa Raizeira garantiu:

— Senhor Pedro, o menino tem futuro. Em poucos meses, ele pegará tudo. Se eu quiser, poderei até me aposentar.

— Não brinca, dona Rosa.

— Não é brincadeira. Seu garoto é um talento, em breve ele dominará as informações sobre o princípio ativo de todas as plantas e saberá tirar seus extratos.

— Então vamos, filho. E vá prestando atenção, pois em breve você terá que vir sozinho.

— Não tem problema, pai. É apenas um quilômetro e meio de caminhada. E, além do mais, a vizinhança toda me conhece. Qualquer problema, terei a quem recorrer.

Ao chegar em casa, “Olhos Maduros” entrou falando.

— Mãe, Solanda, minha irmã!

Sentaram-se à porta da casa, aproveitando a brisa da tarde. E os três ficaram a ouvir a falação do novo raizeiro. Mas, quando “Olhos Maduros” se julgava o detentor das novidades, eis que a irmã lhe diz:

— Meu irmão, eu e o Antoninho vamos nos casar.

— Nossa, que maravilha. Porém, me desculpe, mas já era tempo. Vocês namoram desde que eu nasci.

— Ah, não exagera. Quando você nasceu eu tinha só 11 anos.

— Não importa. Vocês já se olhavam.

De repente, uma tristeza se fez visível na face de “Olhos Maduros”...

— Que foi, filho? — indagou-lhe a mãe.

— Solanda vai se mudar.

— Engano seu. Irmão ciumento.

— Não estou entendendo, Solanda!

— “Olhos Maduros”, eu e o Antoninho vamos fazer um barraco bem-feito ao lado da nossa velha casa. Aliás, como o pai vai ter uma nova tarefa, dando uma de pedreiro, a partir da próxima semana, você já vai sozinho para as aulas com a Rosa Raizeira.

— E o Antoninho está satisfeito?

— Está sim, meu irmão. Ele virá para trabalhar com nosso pai na lavoura.

— É filho, será bom. O terreno, apesar de pequeno, seis alqueires, se bem cultivado e cuidado, dará para todos nós sobrevivermos.

— Com certeza, Maria. Pelo menos, jamais passaremos fome.

Prognosticou Pedro.

Naquela noite o aprendiz de raizeiro sonhou mais que nunca. A noite inteira se viu mergulhado num cipoal de raízes e ervas. E mais uma vez não perdeu a hora e se pôs, como sempre, a acordar todos na casa. Tirou o leite, jogou uma mochila às costas e partiu.

Seguia mergulhado num daqueles contentismos contagiantes de que só ele era capaz. Vinha escutando e imitando o canto dos pássaros, que a bem da verdade até pareciam o estar acompanhado, quando a uns quatrocentos metros da casa de dona Rosa ouviu um grito brincalhão e gozador.

— Ô São Francisco de araque...

Era o neto de dona Rosa, mais velho três anos que “Olhos Maduros”, que andava morrendo de ciúmes por sua avó estar passando a outro seus conhecimentos. Sem se incomodar com o deboche, “Olhos Maduros” respondeu:

— Que foi Rui?

— Uê, como você sabe que sou eu?

— Pela sua voz.

— Mas eu pouco conversei com você!

— E quem lhe disse que é preciso de muita conversa para eu guardar a tonalidade de uma voz?

— Não interessa. O que eu quero é que você me ajude a encontrar um porco-espinho que está ali num beco. É só você ficar em um lado e eu do outro.

— Mas logo um porco-espinho, Rui? Você não sabe que se encurrará-lo ele reage lançando espinhos?

— Isso é bobagem, seu raizeiro de uma figa. Você já está parecendo com minha avó. Todo cheio de credice.

— Está bem. É só você me conduzir até o lado que você quiser que eu fique. Afinal, o risco é seu. É você quem vai fustigar o bicho.

E assim procedeu a dupla casual.



— Cuidado, Rui. Cuidado.

— Deixa que eu sei o que faço.

Nem bem acabou de desferir mais uma afronta e um grito ecoa...

— Já estou indo, Rui.

— Como você virá, cegueta?

Mal terminara de falar e lá estava “Olhos Maduros” ao seu lado, enquanto ele gemia atordoado...

— Espera um pouco. Senti cheiro de erva-santa-maria e arnica nas proximidades.

— Que adianta isso, seu tonto.

— Você verá.

E em poucos minutos já retornava “Olhos Maduros”, macerando umas folhas nas mãos.

— Onde é o machucado?

— Os espinhos estão em minha bochecha direita.

— Já estou percebendo os espinhos; agüente firme que vou retirá-los.

Nesse ínterim, já atordoado, Rui estava entregue aos cuidados de “Olhos Maduros”, que lhe arrancou os espinhos da face, untando-a com o líquido extraído das folhagens. E assim, após tratar de seu primeiro paciente, “Olhos Maduros” retomou o seu caminho, antes aconselhando:

— Viu! Não lhe avisei que não se deve mexer com porco-espinho? E você teve sorte, quase que ele lhe atinge os olhos.

— É, eu sei, mas quem sabe eu não aprendesse a enxergar como você. Não é por acaso que minha avó está proclamando aos quatro ventos e cantos que encontrou o substituto, o herdeiro ideal.

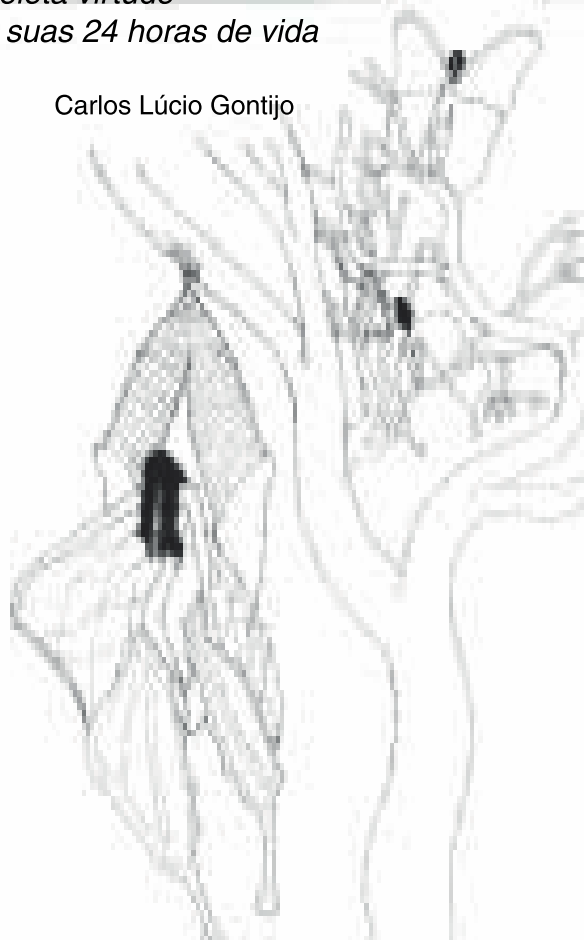
CAPÍTULO IV

Os seres humanos nasceram para ser felizes e respeitados; sobrepor os obstáculos e cumprir sua missão na terra, como aquela borboleta cujo destino é viver apenas cerca de 24 horas, pois vem ao mundo dos alados desprovida de cavidade bucal. Toda a energia de que dispõe, uma vez que não pode alimentar-se, vem do período em que, ainda larva, se encontrava no abrigo de um casulo. Porém, essa anomalia não a impede de sobrevoar os verdes e as flores da natureza, acasalar, pôr seus ovos e garantir a perpetuação de sua espécie, fertilizando e justificando sua existência em tão-somente um dia de vida...

“24 HORAS”

*Quem tem os olhos em exílio
Precisa do auxílio das mãos
E se tiver ao redor gente de coração
Irá ao encontro de momentos triunfais
Estenderá um dia nos varais dos dedos
Casulos de borboletas sem medos
Que no girar da roleta da existência
Voam para cumprir a seleta virtude
De sentir em plenitude suas 24 horas de vida*

Carlos Lúcio Gontijo



O incidente do porco-espinho correu rapidamente em todo o lugarejo. O impávido e teimoso Rui da Rosa acabou mais conhecido como Rui Porco-Espinho, apelido que muito o incomodou no princípio, mas terminou sendo aceito com naturalidade, pois como diz o ditado, contra a força não há resistência.

Rui acabou se tornando um grande amigo de “Olhos Maduros”, entendendo a afinidade entre ele e a sua avó, que via no menino a certeza de que seu trabalho teria continuidade em benefício dos mais humildes, que não dispunham de dinheiro para enfrentar o alto preço dos remédios farmacológicos.

Enfim chegou o dia do retorno definitivo de Zefa Antônia à cidade. Maria estava toda satisfeita com a possibilidade de ter por perto sua irmã por parte de mãe. Curioso a respeito, “Olhos Maduros” indagou.

— Mãe, o vovô Expedito não era seu pai?

— Não era, mas era como se fosse, pois foi ele quem acabou de me criar, quando meu pai, seu avô Francisco, morreu.

— Dizem que vovô Francisco teve que lutar muito para vencer na vida.

— Sim, meu filho. Vovô Francisco era negro, quan-

do conheceu sua avó Ana ainda era estudante de Direito. Trabalhava durante o dia todo e estudava à noite. Depois fez concurso para juiz e passou.

— Mas juiz no Brasil é sempre respeitado.

— Não é bem assim, filho. Naquele tempo o racismo era muito mais forte. Seu avô foi ser juiz em pequenos municípios, onde as elites eram bastante preconceituosas. Os negros não tinham acesso a clubes sociais e de lazer. Porém, isso passou. Ele venceu e minha mãe foi muito feliz com ele.

De repente, Zefa, a solteirona e bem-humorada, aponta em seu carro, juntamente com sua secretária Dirce, uma empregada que já estava com ela há mais de 20 anos. Zefa era uma professora universitária, formada em Pedagogia e Psicologia.

— Irmã Zefa, que alegria!

— Eu sou quem estou feliz. Volto para passar o resto de minha vida ao lado dos meus. E, além do mais, vou poder ajudar na alfabetização de meu sobrinho e afilhado “Olhos Maduros”.

— Pois é, hoje já fomos à casa que você comprou e deixamos tudo no jeito.

— Não precisava. Afinal, esse é o meu trabalho.— protestou Dirce.

— Não se incomode não, moça. De agora em diante, tudo ficará por sua conta.

Riram em coro...

— Ô “Olhos Maduros”, amanhã eu vou tirar para descansar, mas, no dia seguinte, eu quero você em minha casa, a fim de que iniciemos as aulas.

— Mas já?— interveio Maria.

— Sim, é isso mesmo. E tem mais: ele vai passar a

ficar comigo de segunda a sexta-feira, voltando para casa apenas no sábado, pela manhã.

— É isso aí, Zefa. Agora, pelo menos por enquanto, ele está afastado da responsabilidade de tirar leite e, também, de suas ervas— comemorou o pai Pedro, meio resignado...

Logo o sol trouxe com o amanhecer o primeiro dia de aula. “Olhos Maduros” chegou em comitiva, junto com o pai, a mãe e a irmã. Apesar de toda a esperança, havia

lágrimas navegando umidamente em seus olhos, tanto pela oportunidade que surgia para “Olhos Maduros”, quanto pela primeira vez em toda a vida que a família passaria alguns dias separada, sem a presença ativa e amiga do menino que não enxergava, mas sabia a luz.

— Tiau, gente. Sem choro, ninguém morreu. E vocês estão muito



próximos; não se esqueçam de que Monte Feliz está a apenas 13 quilômetros do sítio de vocês. Vão tranquilos. Eu e “Olhos Maduros” temos muito o que fazer.

Nem bem viraram as costas e lá estava Zefa apresentando “Olhos Maduros” aos lápis e às cartolinas.

— Você vai aprender o movimento das letras.

— Como?

— Você vai começar por desenhar o A. Quando tiver dominado os movimentos do A, depois o B, o C, o D e assim por diante. Depois juntaremos os movimentos e formaremos as palavras.

— Nossa, mas é muita coisa, tia Zefa.

— E ainda tem mais.

— Mais o quê, meu Deus?

— Sabe todas aquelas contas que a sua irmã Solanda lhe ensinou? A tabuada que você sabe de cor e salteada, a soma, a divisão, a multiplicação e as contas de diminuir, você terá que aprender a escrever, a registrar. Então, se prepare, pois você aprenderá, também, o movimento dos números.

Pegou a mão de “Olhos Maduros” e juntos fizeram o A.

— Olha, esta é a letra A, você aprenderá tudo em letra de fôrma. Primeiro, você iniciará escrevendo letras enormes, mas à medida que dominar os movimentos, sua escrita ganhará um tamanho menor e mais regular.

E assim, nesse lufa-lufa, passaram mais de doze meses. Todavia, os primeiros resultados começaram a ser colhidos, “Olhos Maduros” começava a juntar letras e sílabas. Estava a um passo de começar a escrever. Depois passaria por um período de aprendizado e treinamento na construção de orações, quando, então, passaria para os números.

As tarefas, os trabalhos hercúleos costumam fazer o tempo passar ligeiro. Os anos se sucederam como num passe de mágica, sete anos se passaram, o menino “Olhos Maduros” já era um rapaz de 1 metro e 80 centímetros: sensível, gentil com os humildes que o buscavam à procura da medicina das ervas para o alívio de seus males, ajudava o pai na lavoura e na pecuária e ainda arrumou tempo para aprender a tocar violão com Dirce, a empregada de sua tia Zefa, a qual tinha em conta de fada-madrinha, por abrir-lhe clareiras na mente e ampliar-lhe em graus infinitos a sua independência e a sua auto-estima.

Na parede da casa de Zefa Antônia, professora que tinha no sobrinho o trabalho educacional de que mais se orgulhava, exatamente pelo desempenho, o primeiro bilhete escrito por “Olhos Maduros”, espontaneamente, num dia em que teve necessidade de fazê-lo e no qual ele deixava explícito o seu agradecimento e os seus pendores poéticos:

“Tia Zefa, é sábado. Você está demorando a chegar da feira. Estou com saudade dos meus, que são seus também. Ao abraçá-los, você os abraçará comigo, pois eu a levo dentro de mim, no fundo do meu coração.

Seu sobrinho e afilhado, “Olhos Maduros”.”

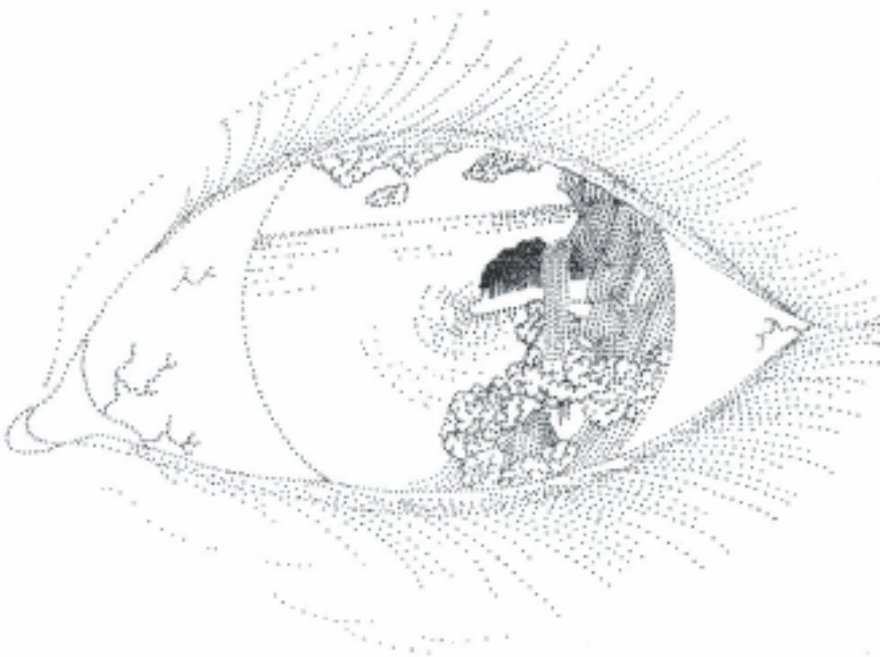
CAPÍTULO V

Não passamos de grãos estelares, uma vez o nosso espírito tenha cumprido seu ciclo de maturação na Terra, somos colhidos e transplantados, pelo grande agricultor galáctico, em outras lavouras do espaço sideral.

FLOCOS DE ALGODÃO

*Água doce mesmo sob o sal do mar
Continua a ouvir o canto do rio
Num amar de cio sem fim
É assim com os olhos de quem não vê
Disposto a não ceder à falta de luz
Tece claridade com os fios da escuridão
E segue ligeiro pisando em flocos de algodão...*

Carlos Lúcio Gontijo



Rui Porco-Espinho, sem que “Olhos Maduros” nem de longe imaginasse, apareceu com um cavalo todo branco, crina de algodão, treinado por ele mesmo para dar de presente ao amigo.

— Está aí, “Olhos Maduros”, um cavalo que trouxe para você.

— Mas que presentão, Rui. Não precisava.

— Precisava sim. Você deu vida nova à minha avó. Desde o dia em que você resolveu aprender os segredos das plantas que curam, ela tirou um peso, uma tristeza do peito.

— Como assim?

— Ela sempre temeu morrer sem deixar alguém para continuar em seu lugar.

— Porém, mesmo assim, não precisava se incomodar.

— Não importa o que você pensa, o negócio é que o cavalo está aí. E seu nome é Visão.

— Logo Visão, Rui?

— É claro, não poderia haver nome melhor. E ele foi treinado a cavalgar do sítio para a cidade e da cidade para o sítio.

— E daí?

— Daí é que se você estiver no sítio é só abrir a porteira e dar a ordem: Visão, cidade. E ele irá na direção de Monte Feliz.

— Ah, já entendi. Se eu estiver na casa de tia Zefa, é só dizer: Visão, sítio!

— Isso mesmo. E pode ter confiança. Ele é manso como um bebê e leal como um cão.

— Mãe, pai! Onde estão vocês? Vejam o que eu ganhei.

— Não precisa gritar não, filho— bradou Pedro.

— Fomos nós que recebemos o Rui. Você se esqueceu de que você acabou de chegar e o Rui já estava aqui? — ponderou a mãe.

— Desculpe-me, gente! É muita alegria ser alvo de tanta manifestação de amizade e carinho.

Enquanto falava, o Cometa, velho cachorro que acompanhava “Olhos Maduros” em suas andanças pelos campos e matas, pulava em suas pernas.

— Dê atenção ao seu cachorro, “Olhos Maduros” - lembrou-lhe o pai.

— Ô Cometa, não precisa ter ciúme não. Nós só ganhamos um novo amigo.

Aproveitaram a oportunidade para convidar Rui e dona Rosa Raizeira para o casamento de Solanda com Antoninho, que estava próximo de acontecer.

— Pode deixar. Eu e minha avó estaremos presentes. Vovó então é que não deixará de vir mesmo, pois, depois de ter tido “Olhos Maduros” como aluno, ela os tem como gente da família.

— Mas isso é recíproco, Rui-responderam em coro espontâneo.

— Pois é, dê o meu abraço nela e diga a ela que

amanhã eu estrearéi o meu cavalo, indo fazer-lhes uma visita.

Garantiu “Olhos Maduros”, que já acompanhava o amigo até a porteira, cheio de agradecimentos e contentamento com presente tão valioso.

Nas voltas que os dias dão, eis que chegou a data do casamento de Solanda e Antoninho. O sítio se fez todo engalanado, com todos trajados na melhor roupa de domingo. Padre Zeca, grande amigo da família, abriu a concessão de realizar a cerimônia religiosa num palanque erguido em frente à casa em que os noivos iriam morar.

— Aqui no pé da serra, esperamos que não seja apenas o início dessa grande montanha, mas o princípio de um amor eterno, que vá além dessa montanha e atinja os céus, recebendo as constantes bênçãos do Criador. Queremos crer, todos nós, que estejamos aos pés de um casal predisposto a semear o amor e a compreensão enquanto houver vida e paixão por viver, enquanto houver filhos para ser cuidados e o calor insubstituível de família para ser celebrado...

Era o sermão de padre Zeca, acompanhado por um som baixinho de violão tocado por Dirce e a voz de um dueto bem ensaiado de Zefa e “Olhos Maduros”, que fizeram os noivos e os presentes umedecer os olhos, para revelar na retina a fotografia de sentimentos que viram paisagem no coração.

E os dias continuaram dobrando as esquinas do calendário. “Olhos Maduros” era cultuado naquele povoado como exemplo a ser seguido nos momentos de abatimento e desânimo. Em Monte Feliz todos tinham certeza de que os limites congêneres de cada um já

eram grandes demais para que outros fossem inventados. Havia plena consciência de que, geralmente, os sonhos se mantêm como sonhos apenas quando não tentamos realizá-los à nossa maneira, inclusive com a predisposição de aceitá-los imperfeitos conforme nós mesmos e em consonância com a realidade construída pelos homens.

“Olhos Maduros” se transformou em protetor dos pobres, que recorriam a ele nas horas de angústia. Ele era o raizeiro, o psicólogo, o aconselhador, o ouvido amigo para um desabafo e o ombro-travesseiro para o carente de consolo.

— Você, “Olhos Maduros”, consegue enxergar a todos que o rodeiam— dizia Zefa Antônia.

— É mesmo. “Olhos Maduros” é como Papai Noel de criança, só que verdadeiro, tangível.

— Que é isso, Dirce? Que comparação mas abestalhada.

— Ah, tia, não vê que Dirce está brincando?— interveio, sorrindo, “Olhos Maduros”.

— Então me explica.

— Olha, tia, pelo que pude perceber, a Dirce quis dizer que, como o Papai Noel, seja rico, seja pobre, eu sempre me faço presente...

— Matou a charada. Fez até trocadilho. E olha que você tem uma vantagem, para você descer nem é preciso ter chaminé em casa...

— Pode parar, Dirce. E, além do mais, se ele só visitasse os que têm chaminé, não teria problema em Monte Feliz e arredores, pois por aqui todos têm fogão a lenha...

Riram longamente da situação.

— Tia Zefa, eu já vou indo.
— Ainda é cedo, “Olhos Maduros”.
— Que nada. Eu tenho que passar na casa de Rosa Raizeira. Ela não anda nada bem.
— Então eu vou levá-lo...
— Não é preciso. O Visão está aí fora, acompanhado do inseparável Cometa, que nos segue sem cansar.

Visão, sítio... E lá foram eles. Não tardou chegarem às terras de dona Rosa. “Olhos Maduros” as reconhecia pelo cheiro das ervas que ela cultivava em longos canteiros cuidados pelo neto Rui.

Mal abriu a porteira de entrada e escutou no ar os passos da tristeza, cujo caminhar apenas os mais sensíveis e entregues ao amor ao próximo são capazes de ouvir. “Olhos Maduros” aprendeu muito cedo que todas as coisas sobem à atmosfera, compõem o hálito do Planeta Terra.

— Foi Deus quem o mandou aqui, amigo “Olhos Maduros”. Minha avó acabou de morrer e partiu manifestando a sua alegria em tê-lo como sucessor. Passou-me a ordem de manter o cultivo de ervas e ajudá-lo a formar a sua própria plantação, no sítio de seus pais.

Os dois se abraçaram, com muito pesar pela morte de Rosa Raizeira, mas cientes de que, como ela mesmo pregava, o falecimento deve ser visto como ocorrência inerente à vida. Se essa crença alicerçasse as relações e a convivência em sociedade, as pessoas se doariam mais aos amigos e a seus amores. Dessa maneira, diante do passamento, sofreriam menos, conscientes de que se deram por inteiro ao ente querido levado pelo Senhor dos Tempos, aquele que regula a

ampulheta da areia sublime da vida que corre em nosso interior.

— Roguemos graças a Deus, pela dádiva de ter nos dado a oportunidade de conviver com pessoa tão abençoada e digna.

— Você tem razão “Olhos Maduros”. Minha avó dizia que somos árvores, e que a cada passo, em cada laço que firmamos com nossos amigos e parentes, ou até simples e casuais conhecidos, nós deixamos cair nossas sementes, através da luz da palavra e dos gestos, com os quais cumprimos, ainda que disso não tenhamos consciência, a nossa missão de fazer crescer e, ao mesmo tempo, purificar e decantar nosso próprio espírito por intermédio do outro, que é o melhor espelho de que dispomos, pois só nos reconhecemos quando somos aceitos pelo próximo.

— É assim que se fala. Esse é o neto da Rosa Raizeira. Ela deve estar contente, esteja onde estiver, ao escutá-lo falando assim.

— Tomara, “Olhos Maduros”. Porque ainda que eu não me sentisse atraído em exercer a função de raizeiro, eu, no fundo, no fundo, me transformei na melhor erva que minha avó cultivou. Tenho o seu cheiro, sua pele, seu sangue e o seu respeito ao próximo.

— Rui, ninguém mais que sua avó nos ensinou a maravilha que é aprender com as diferenças. Ela costumava dizer que as plantas e ervas com propriedades medicinais são diferentes, mas iguais no objetivo de curar.

— Minha avó sabia louvar e respeitar as diferenças de credo, cor e pensamento.

— Eu sei disso, Rui. Aprendi com ela como crescer

com as diferenças, desde que não sejamos indiferentes.

— Mas vamos às providências. Você fica com minha avó, fazendo as honras da casa, enquanto eu vou percorrendo a vizinhança para avisar.

— Primeiro passe lá em casa, pois meus pais e minha irmã já devem estar preocupados com minha demora.

— Pode deixar, “Olhos Maduros”, seus familiares serão os primeiros a ser comunicados. Minha avó, aliás, os considerava como parentes.

Antoninho e Solanda não demoraram a aparecer.

— “Olhos Maduros”, papai e mamãe vêm mais tarde.

— Eu sei, Solanda, ao entardecer o sítio tem muito trabalho a ser feito.

— E tem mesmo, “Olhos Maduros”. É o gado, é a criação...

— Nem precisa enumerar, Antoninho, pois eu participo dessa labuta desde que me entendo por gente.

Depois, foi chegando o padre Zeca, Zefa, Dirce, o Fortunato da Farmácia. Quando Pedro e Maria chegaram o véu da noite já estava estendido sobre o sítio da falecida Rosa Raizeira, que certamente já se havia juntado aos feixes de luzes ou se apresentava como espírito voluntário para ajudar na cura das almas que não crêem e reclamam do excesso de claridade, pois que se prepararam durante toda a sua existência para o vácuo, a escuridão do nada.

— “Olhos Maduros”, que velório concorrido. Cheio de oração e pouco pranto.

— É que aqui estão os amigos e a clientela de sua bondosa avó, Rui.

— E se não tem pranto, “Olhos Maduros”, é porque quando alguém derrama alguma lágrima, o espírito de Rosa sopra e enxuga.

— Deve ser isso mesmo, padre Zeca. Rosa não gostava de lamúria. Via em tudo, dor ou riso, a suprema fertilização dos caminhos da existência. Dizia sempre: “Felicite-se pela lágrima, ela é o óleo do aprendizado que untará o seu contentamento no futuro, a natureza à nossa volta”.

— Você sabe a história da Rosa, “Olhos Maduros”?

— Só sei que ela vivia aqui com o seu neto. Nunca indaguei nada a respeito dela, padre Zeca.

— Pois é, filho. Rosa perdeu o marido, o genro e a filha num acidente de carro, do qual só se salvou o seu neto Rui. Mas ela não se fez de sofredora nem transformou sua vida numa expiação, castigo de Deus. Superou tudo. Recebia e sorria para todos que a procuravam como se não houvesse experimentado dor alguma em seu viver. Ouvia o queixume de todos sem jamais se deixar levar pelo desejo de consolá-los com suas próprias agruras.

— Já sei como é isso. Solanda andou lendo para mim alguns livros de auto-ajuda, nos quais muitos autores buscam lenir a dor de uns com o sofrimento draconiano e inaudito de outros.

— É isso, irmão. Já li um em que se tentava consolar os que perderam entes queridos em acidente trágico, com o relato de pessoa que perdeu toda a família— Interveio Solanda, que prestava atenção na conversa do padre Zeca.

A noite foi avançando ao encontro da madrugada que, por sua vez, era acossada pelo amanhecer sem-

pre louco para raiar. E o velório de Rosa Raizeira cumpriu o folclore de ser momento de terço, conversa e confidências entre amigos, como se a certeza da morte fizesse com que todos se sentissem frágeis e buscassem no ombro amigo o algodão de ternura que fosse capaz de tornar os cristais da prateleira da vida menos quebradiços diante do balouçar da caravela da existência, que ainda navega à moda antiga e insiste em se aventurar— graças a Deus— por mares nunca antes navegados.

CAPÍTULO VI

A humanidade precisa saber que a natureza pode viver muito bem sem o homem, mas este não tem futuro sem a preservação do meio ambiente. O fim das estações (verão, outono, inverno, primavera) descarrilará o trem da existência humana na Terra.

CEIA DE AMOR

*Quando os que vêem fazem amor
Fecham os olhos para melhor sentir calor
Quem nasce cego dos olhos
Rejuvenesce, fortalece outros dons
E de olhos predestinadamente cerrados
Extrai das coisas todos os sons
Em rebuliço de silêncio profundo
Enche-se de viço sem dor
Tateia, bolina o mundo
Como se estivesse em ceia de amor*

Carlos Lúcio Gontijo



A trás de morro tem morro, debulhar de tristeza termina sempre acompanhado de mais alguma dor. Nem bem “Olhos Maduros” acabava de perder a amiga Rosa Raizeira, Zefa Antônia acorda no meio da noite com fortes dores nos rins, que dessa feita não arrefeceram com os chás ou mesmo com os remédios receitados pelo Fortunato, que foi chamado no meio da madrugada.

Mal amanheceu o dia e Dirce estava a comunicar aos pais de “Olhos Maduros”, que já tinha ordenado as vacas e se preparava para ir manipular suas ervas.

— Maria, sua irmã tem que ir para a capital. Só mesmo em Belo Horizonte, para ela receber o tratamento apropriado.

— Mas o que foi com Zefa?

— Ah, é aquele velho problema nos rins, que agora se agravou.

— Mas quem vai acompanhá-la, Dirce?— interrogou Pedro.

Nisso chega “Olhos Maduros”, que ouviu todo o teor do assunto.

— Que maré de azar. Eu vou acompanhar a tia.

— Que é isso, filho. Você nunca foi a Belo Horizonte— ponderou a mãe.

Não importa. Eu vou. Não há como ficar aqui. Além do mais, a Dirce tem a casa para cuidar. Isso sem falar em seus alunos de violão...

— Aulas de violão até que não são empecilho, mas a casa tem muita planta, os pássaros, o gato, o cachorro...

— Pois é. Eu vou!

— Então vamos fazer o seguinte, a gente entrega a decisão à própria Zefa.

Rumaram rapidamente para Monte Feliz. Num instante estavam colocando a questão para a enferma Zefa, que pediu que a deixassem sozinha para pensar um pouco.

Meu Deus, o que fazer? Todavia logo percebeu quanto seria importante para “Olhos Maduros”. Chegou mesmo a ter certeza de que, caso optasse por Dirce, estaria semeando a perda de auto-estima em seu sobrinho, que ficaria pensando que fora rejeitado pelo fato de não enxergar.

— “Olhos Maduros”, Dirce, venham aqui!

E sem rodeios anunciou.

— Olha, vai você, sobrinho. A Dirce tem muito o que fazer em Monte Feliz.

À tarde, Rodolfo, um ex-chofer de táxi aposentado, se dispôs a dirigir o carro de Zefa até a capital, onde o deixaria, regressando de ônibus.

“Olhos Maduros” seguiu viagem de ouvidos e narinas antenados, de olho (à sua maneira) nos sons, ruídos e cheiros do caminho. Zefa prestava atenção nas reações do sobrinho, admirada diante de sua facilidade para identificar e descrever a paisagem. Curioso, perguntava incessantemente.

Ao chegar em Belo Horizonte, eles se dirigiram à casa de um tio, irmão do pai de Zefa. Jairo era um negro alto e simpático, que, junto com a mulher e os filhos, os receberam prazerosamente.

Rodolfo colocou o carro na garagem e se apressou em ir à rodoviária comprar sua passagem para voltar no ônibus da manhã, o único horário que servia à pequena Monte Feliz. Dessa forma, no dia seguinte, todos se levantaram bem cedo: Rodolfo para tomar o ônibus; o casal de filhos de Jairo para trabalhar; Zefa, a fim de ir passar pelos primeiros exames; “Olhos Maduros”, para descobrir o mundo novo...

Célia, mulher de Jairo, encheu-se de simpatia por “Olhos Maduros”, tomando a iniciativa de colocá-lo em contato com os espaços da casa. Zefa, que pensou que iria ao hospital apenas para iniciar exames, foi surpreendida pela decisão do médico de interná-la. A cirurgia seria em dois dias, tempo suficiente para que Zefa fosse medicada e passasse por todos os preparativos recomendados aos pacientes cirúrgicos.

Vendo a aflição de “Olhos Maduros”, Cláudio, filho de Jairo, se dispôs a levá-lo até o hospital.

— Vamos tomar a condução, “Olhos Maduros”.

— É longe?

— Não, fica a um quarteirão daqui.

— Então, vamos devagar, para eu aprender o caminho.

— Será que você consegue?

— Claro. Deixa comigo.

— Já que você está animado e confiante, eu ensino.

E assim, Cláudio quase ficou rouco com tanta per-

gunta para responder. Ao chegarem ao hospital, “Olhos Maduros” falou:

— Agora, antes de a gente entrar, leve-me daqui até o ponto de pegar o lotação de volta.

— Mas para quê?

— É porque você poderá ir embora mais cedo. E eu fico livre para ir quando bem-entender.

— Bem que me avisaram de sua determinação em se tornar independente.

— É isso mesmo. Pode me chamar de teimoso, mas é isso que eu quero.

— Como você vai saber a hora de descer?

— Deixa de ser tolo Cláudio, é só eu entrar no ônibus certo e falar com o motorista.

Zefa ficou numa extrema alegria com a presença de “Olhos Maduros”, que imediatamente foi cercado pelo carinho de enfermeiros e médicos. E aconteceu o que “Olhos Maduros” previa, não demorou muito e Cláudio já se mandava.

— Que é isso, “Olhos Maduros”, você não vai retornar com ele?

— Não. Eu não vou não!

— Depois fica tarde. Você terá que ir com a noite chegando.

— Qual a diferença, tia. A senhora se esqueceu de que eu não enxergo?

— Acho que sim. Mas a culpa é sua. Você nos faz esquecer desse detalhe.

Quando Cláudio chegou em casa sem “Olhos Maduros”, o resto da família entrou em pânico.

— O que vocês queriam que eu fizesse? A ordem de tia Zefa era dar liberdade a “Olhos Maduros”, que ele

não poderia ser colocado em dúvida, pois poderíamos ferir os seus brios, a sua autoconfiança.

— Mas isso é um exagero — protestou Jairo.

— Pode deixar papai, eu vou tomar um táxi e me postar na porta do hospital até ele sair.

Era Marisa, a filha.

— Está bem, tome o dinheiro do táxi.

Marisa sentou em um banco bem em frente da porta do hospital e ficou à espera do primo, que só apareceu quando a noite caía.

Acostumada com os cegos da cidade, Marisa se pôs a andar quase que ao lado de “Olhos Maduros”, ciente de que ele não a perceberia. Assistiu com surpresa à desenvoltura com que ele tomou o ônibus, desceu e se dirigiu até o exato lugar da casa, apertando sem problema a campainha...

De repente “Olhos Maduros” se volta e a agarra pelo braço, gritando:

— Oh, Marisa!

— Ai meu Deus, que susto! Como você sabia que era eu, como você me viu?

— Deixa de ser boba, menina. Ver eu não vi, mas eu senti o seu cheiro, desde que você veio me seguindo do hospital até aqui.

— Você não existe. É muito mais do que a propaganda da tia Zefa.

— Propaganda?!

— Isso mesmo, tia Zefa nos disse muita coisa sobre você. Mas, depois dessa, tudo o que ela falou ainda é pouco.

Marisa entrou em casa rindo e contando o que aconteceu.

— Gente, que vergonha. Eu fiz papel de boba. O esperto do “Olhos Maduros” descobriu desde o hospital que eu o seguia. E aqui, bem à porta de casa, resolveu se virar repentinamente e me passar um tremendo susto. Eu é quem me senti cega e envergonhada por duvidar dele.

Zefa foi operada e ficaria no hospital por cinco dias. “Olhos Maduros” era tratado com respeito e carinho por todos. Muito politizados, Cláudio e Marisa eram membros atuantes de movimentos negros.

— Gente, me leva numa reunião de vocês.

— Hoje nós vamos tratar da organização de um festival da canção negra— disse Marisa.

— E já estamos atrasados, pois o festival é daqui a dez dias, bem no início da primavera.

— Pois é, e o dia 22 de setembro está mesmo por chegar, irmão.

“Olhos Maduros” foi ao hospital, passou toda a tarde com a tia e à noite foi com os primos a uma casa de reunião da comunidade negra.

Ao voltar, já sob o sereno da madrugada, foi indagado pelos primos:

— O que você achou?

— Gostei. É bom ver tanta gente lutando por seus direitos, contra a discriminação e o racismo, mas fiquei preocupado com o radicalismo que pude sentir nos discursos e nas conversas que tive com muitos integrantes, mais determinados em ser donos de uma causa e tratar todos os homens brancos como senhores de engenho.

— Que é isso, “Olhos Maduros”!

— Estou falando apenas o que pude perceber. Acho

que racismo é racismo. Não tem diferença se do branco em relação ao preto ou do preto em relação ao branco.

— Você está analisando pelas aparências.

— Não é isso não. Aqui na cidade grande, eu logo percebi que vocês gostam de viver em guetos que não passam de uma espécie de senzala a céu aberto, mais próxima de conduzir ao recrudescimento dos preconceitos e intolerâncias do que ao mar da libertação. É cada qual com seu igual.

— Como assim? — inquiriu Marisa.

É negro com negro, mudo com mudo, surdo com surdo, cego com cego...

— Cego com cego?

— Isso mesmo. Os que não enxergam são juntados com outros cegos em institutos, sob a desculpa de que eles precisam aprender a ler em braile. A grande verdade é que os homens se recusam a apoiar e aprender com as diferenças que Deus colocou no mundo. A Natu-



reza, sabiamente, se junta em simbiose.

— Quer dizer que está tudo errado por aqui?

— Não é isso. Não se trata disso. É que por aqui vocês alçam a racionalidade bem acima dos instintos, os mesmos instintos, os mesmos sentidos que me fazem enxergar apesar de ser cego.

— Quer dizer que você está doido para ir embora?

— Para falar com sinceridade, mesmo sendo-lhes grato pelo zelo, pela estima com que todos estão me tratando, agora que a tia Zefa está fora de perigo, eu já estou louquinho de saudades da minha terra, da natureza em que tanto me acho enraizado quanto em mim habita.

— Nós o entendemos, primo — falaram em uma só vez.

Não é nada contra vocês, porém eu tenho o meu jeito de viver. Aqui vocês gastam verbas e anos a fio de aulas para ensinar a um cego o que é primavera, que, com o tempo, ele acaba por imaginar o que seja.

— O que você quer dizer com isso, “Olhos Maduros”?

— É que estamos em setembro, a primavera bate-nos à porta e eu não sinto cheiro de flor no ar, pois são poucas as flores na cidade e os odores se misturam em meio a essa floresta de pedras, cortada por um rio de águas mortas e fétidas. Desculpem-me, mas, se eu ficar muito por aqui, talvez eu me torne verdadeiramente cego.

No raiar do novo dia, “Olhos Maduros” cuidou de conversar com Zefa Antônia, que já estava em plena convalescência, e pedir que lhe comprassem uma passagem, pois sabia que sua ausência era sentida e reclamada

por seus pais, os clientes de suas ervas medicinais, as vacas leiteiras, o cavalo Visão, o cachorro Cometa...

Passados alguns dias, quando tudo já havia retornado à normalidade, Dirce chega ao sítio com uma carta para “Olhos Maduros”, enviada pelos primos Cláudio e Marisa.

— Carta para você, “Olhos Maduros”!

— Então leia para mim, mamãe, pois essa é uma das coisas que não posso fazer.

— “Olhos Maduros”, abrimos o festival da canção negra a toda a sociedade, e quem o ganhou foi um cantor branco, de olhos azuis, defendendo uma canção composta por um negro. Como vê (?) nós o ouvimos e aconteceu, através de uma composição musical, a parceria e a miscigenação de idéias. Quem sabe, desculpe-nos o trocadilho, estejamos assistindo ao renascer de uma sociedade sem preconceitos e capaz de enxergar a vida com os “olhos maduros”.”



BIOGRAFIA

HOMENS-ARRUDAS: *À beira desta água nenhuma flor tem cheiro / À beira desta água fede o fruto do coqueiro / E a lã alvadia dos carneiros / À beira desta água correm as fezes cotidianas / De perfumadas madames e de suadas ciganas / À beira desta água tudo se mistura / A candura do pão molhado e a luxúria do caviar / As carnes magras e as carnudas / À beira desta água a promiscuidade / E a veleidade dos homens-ARRUDAS.*

Carlos Lúcio Gontijo nasceu a 27 de abril de 1952. Em Santo Antônio do Monte, cursou o primário no Grupo Escolar Waldomiro de Magalhães Pinto. Fez o ginásio e parte do Curso de Contabilidade na hoje Escola Estadual Senhora de Fátima (mas antes simplesmente o “Colégio da Dona Maria Angélica de Castro), complementando-o no Colégio Visconde de Cairu, na capital mineira. Em seguida diplomou-se em Jornalismo pela FAFI-BH, hoje UNI-BH, no ano de 1976, passando, então, a atuar como jornalista do “Diário da Tarde”, do grupo S.A Estado de Minas (Diários Associados) deste outubro de 1977, onde mantém um artigo semanal (toda 5ª feira). É portador de título de Honra ao Mérito da Prefeitura de Santo Antônio do Monte (1977), do “Troféu Magnum de Cultura”, homenagem do Colégio Magnum Agostiniano, em comemoração dos 100 anos de Belo Horizonte (1997), membro titular e correspondente da Academia

Interamericana de Literatura e Jurisprudência e da Academia de Estudos Literários e Lingüísticos, ambas de Anápolis – GO, além de dar nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC), em Santo Antônio do Monte (Biblioteca Poeta Carlos Lúcio Gontijo).

Carlos Lúcio é casado com Nina; pai de Amanda e Lucas; e avô de Luara.

Lançou os livros *Ventre do Mundo* (poesia, 1977), *Leite e Lua* (poesia, 1977), *Cio de Vento* (poesia, 1987), *Aroma de Mãe* (poesia e prosa, 1993), *Pelas Partes Femininas* (poesia e prosa, 1996), *O Contador de Formigas* (romance e poesia, 1998 – 1ª edição / 1999 – 2ª edição), e agora, em 2002, *O Ser Poetizado* (poesia e prosa), *O Menino dos Olhos Maduros* (novela e poesia) e *Virgem Santa sem Cabeça* (romance e poesia), em comemoração aos seus 50 anos de idade e 25 de literatura, isso levando-se em conta tão-somente o marco do lançamento de seu primeiro livro, quando sua mãe Betty ainda era viva e com ele compartilhava o mesmo teto, junto de seus irmãos e de seu pai José Carlos, um patrocinador de primeira hora de alguns de seus livros.

O poema com que abrimos essa biografia, uma referência ao poluído Ribeirão Arrudas, verdadeiro esgoto a céu aberto em Belo Horizonte, é dos mais antigos do autor, que assim como percorre com desenvoltura os temas sociais, sempre perambulou de coração ensolarado pelos caminhos do romantismo, a exemplo do

poema “**Romã**”, outro título curtido no tempo que passou e do qual lançamos mão para fechar, resumidamente, esses dados biográficos:

Meu amor, sólido e líquido / Roçar e calor de virilhas / Raio penetrante da manhã / Que se ilha no leito / E dividido sangra no peito / Feito partilha da romã. Ou, ainda, misturando amor e economia, como no poema “**Outro Ladrão**”, publicado no livro *Cio de Vento*: **Perdoa-me, meu amor / Se lhe chego com as feridas da rua / Se lhe trago as recusas do patrão / Se a abraço suado / Se a beijo salgado / Se em esgotos lassos serpenteia a sociedade / E se está magra a cesta da feira / Creia-me, lá no mercado, outro ladrão / Roubou-nos a fome...**

A OBRA LITERÁRIA DE CARLOS LÚCIO GONTIJO:

Ventre do Mundo (Poesia – 1977)

Leite e Lua (Poesia – 1977)

Cio de Vento (Poesia – 1987)

Aroma de Mãe (Poesia e prosa – 1993)

Pelas Partes Femininas (Poesia e prosa – 1996)

(Edição de “Coletânea” em dois volumes, contendo os cinco primeiros livros – 1998)

O Contador de Formigas (Romance e poesia – 1998 / 1ª edição; 1999 / 2ª edição)

O Ser Poetizado (Poesia e prosa – 2002)

Virgem Santa sem Cabeça (Romance e poesia – 2002)

(Todos os poemas podem ser adquiridos, ampliados, em moldura - 35 x 50 cm - “Telaescrita”, segundo o gosto do leitor).

Pedidos de livros:

Av. João Augusto da Fonseca e Silva, 1107 / 402,
Bairro Eldorado – Contagem / MG – CEP 32.341-100
Fone: (31) **3351- 6924**

discernimento, sob a
crença de que, dentro
do livre-arbítrio,
teremos nas dife-
renças intelectuais, físi-
cas e biológicas um rico
manancial para al-
icizar o crescimento
da humanidade, que
sinimo de gente uni-
da e irmanada.

A divina realidade ma-
tinal do homem foi des-
vendada pelo filho de
Deus, que caminhou
com pés humanos e
experimentou pensar,
agir e amar com o
coração de gente em
carne e osso. E gente,
ensinou-nos Jesus
Cristo, muito mais
que mataria, contm
um espírito, que inde-
pendentemente das
deficiências ou excep-
cionalidades do corpo
em que habita, voa e
quebra feito mar nas
praias do Senhor, como
se quisesse embalar
(ou despertar) a sau-
dade que o mar de sua
alma carrega do infini-
to, que somente pode
ser vivenciado, no seio
da sociedade mundial,
quando os homens d o
as mãos uns aos ou-
tros, possibilitando-nos
assistir, por meio da
fraternidade, ao milagre
de doarmos passos
aos paralisados, ouvimos
aos surdos e visamos
aos cegos, como acontece
em O MENINO DOS
OLHOS MADUROS,
uma criança deficiente
visual, que enxerga
através da ausência de
preconceito e da luz
que a família e os ami-
gos lhe estendem.



SANGUE MONTENSE

De Santo Antônio do Monte eu venho
É a terra que retém o meu olhar
É o par de olhos do meu passo arreante
É diamante incrustado no chão de meu país
É a terceira visão do meu caminhar distante
Seu sol mirante parece remar pro céu
A quase mil metros acima do nível do mar
Razão de sua gente, agendar fogos de artifício
Um ofício milenar de sagrada tradição
Forma colorida de canção ao Criador
Explosão de amor nos momentos de alegria
E quem duvidar dessa vocação sadia
Basta cortar a veia de um cidadão montense
Para detectar o sangue iluminado
Que, coagulado, pólvora irradia
Como se fosse escravo enclausurado
Condenado pela magia de fazer noite virar dia

Carlos Lucio Gontijo

FOGOS SANTO ANTÔNIO DO MONTE